
O Jornal do Commercio e o seu Correspondente sobre o Casamento Civil⁽¹⁾

I

Onde vae já a questão sobre o casamento civil? Como todas as tendencias herecticas, eil-a ahi transviada de sua senda apparente e entrada no campo da realidade.

O casamento civil é um pequeno degráo na escada do abysmo moral para onde se pretende levar a humanidade. Sempre assim o pensamos e para que não nos ficasse duvida os seus propugnadores descobrem suas ultimas vistas.

O casamento civil! isso é uma questão insignificante; estamos já muito além d'ella; tracta-se das instituições catholicas, do celibato, da confissão, da auctoridade dos concilios, portanto de toda a organização da Igreja, portanto da Religião Catholica.

E' esta que é negada, é esta que se pretende arruinar.

(1) Do jornal «A Nação» copiamos estes artigos devidos á preclarissima pena do exc.^{mo} MARQUEZ de LAVRADIO.

O artigo do «Jornal do Commercio,» que é a ultima correspondencia do snr. F. ou do snr. G. prova o que dizemos por modo claro.

Iremos direitos ás suas capitaes aggressões.
Diz elle:

O concilio de Trento é «*um tecido de torpesas*, foi mais a expressão da vontade dos Papas, do que a sincera manifestação das crenças e desejos da reformação, que animavam a Christandade e por isso houve, quem com razão dissesse, que o synodo era inspirado pelo Espirito Santo que lhe chegava de Roma a miudo pelo correio.»

«O concilio de Trento não deu remedio aos males da Christandade. A heresia triumphou e arrancou ao Pontificado uma parte da Europa; a dissolução dos costumes continuou do mesmo modo sem embargo das reclamações dos mais austeros e virtuosos prelados.»

Em testemunho e prova d'esta opinião allega o «Jornal do Commercio» o ser o concilio. segundo um frade portuguez, um *monstro*.

«O *monstruoso* concilio de Trento nascido e vivido, tão torpemente, foi rejeitado por muitos principes catholicos e está eivado de tanta corrupção que não póde merecer o respeito daquelles que alguma coisa investigam o passado e buscam nos archivos a historia intima desses

tempos tão desgraçados para a Igreja de Christo.»

Eis-aqui a opinião dos sábios do «Jornal do Commercio,» ácerca da assemblêa mais notavel do Catholicismo, celebre pela sapiencia e virtudes dos personagens que o dirigiram; assombroso pelos resultados que produziu.

Não responderemos nós, ao «Jornal do Commercio,» não pediremos auxilio a nenhum escriptor catholico. Iremos requerer ás summidades contemporaneas da sciencia historica, a idéa verdadeira da reformação operada pelo concilio, poderosamente promovida pelo Papa.

Será Macaulay, será Ranke ambos grandes historiadores, ambos profundamente imbuidos de preconceitos protestantes, ambos portanto insuspeitissimos. Ambos elles vão ensinar estes ignorantes; que se pretendem sábios e que só sabem rebaixar este paiz, apresentando superficialidades historicas por concepções profundas e não reparando que com isto só conseguem arruinar as crenças, pouco seguras, de leitores menos lidos e que tomam por verdades incontrastaveis as necessidades do jornal. E eis como se comprehende a missão elevada do jornalismo: consiste em enganar as almas simples e boas, em augmentar os odios parvos contra a Religião, que só póde enchugar as lagrimas dos infelizes, dar-lhes coragem para não irem aca-

bar pelo suicidio, ou por uma vida de depravação.

Ah ! quantos no 'principio da ladeira do crime não terão sido precipitados no abismo por estas doutrinas dissolventes, que destroem toda esperança e com ella toda corajosa resignação ! Quantas vezes o instrumento do supplicio não foi movido pela mão do jornalista imprevidente ? Quantas ignominias, devassidões e immoralidades não tem elle causado ?

Se no espirito do povo alluís as crenças, que lhe daes em troca?...

O «Jornal do Commercio» é pois um inimigo do povo quando assim propala idéas que nem ao menos teem a desculpa do amor da verdade.

Veja o povo como lha apresentam aquellas insuspeitaveis auctoridades.

Demos a palavra a Macaulay, descrevendo expressamente e com a superioridade do seu genio a grandiosa lucta do Catholicismo com a Reforma.

«Queríamos desenhar aqui, em rapido esboço, a verdadeira historia da lucta que, começada pelas pérgações de Lutherô contra as indulgencias terminara até certo ponto 130 annos depois pelo tratado de Westphalia.

«Nas partes septemtrionaes da Europa a vistoria do protestantismo foi rapida e completa. A dominação do Papa era para as nações

de raça teutonica, uma dominação de italianos, de estrangeiros, differentes na lingua, costumes e idéas...

«Meio seculo depois que Luthero renunciou publicamente á communhão de Roma e queimou a bulla de Leão X ás portas de Wittemberg, o protestantismo havia chegado ao seu apogeu, mas para perder prestes as suas vantagens e não mais as reaver...

«Em quanto aquella grande obra se proseguia ao Norte da Europa, operava-se no meio-dia uma outra em sentido opposto...

«Duas reformas se manifestaram ao mesmo tempo com energia igual — reforma de doutrina em o Norte; reforma de COSTUMES E DE DISCIPLINA NO MEIO DIA.

Em uma só geração se operou a renovação todo o espirito da Egreja de Roma. DESDE O PALACIO DO VATICANO até ao cremiterio mais desviado dos Apenninos appareceu e sentiu-se esta grande renovação religiosa. Todas as instituições fundadas para a propagação e defeza da fé foram refundidas e munidas de armas mais seguras. (1)

(Macaulay prosegue indicando esses institutos, a reforma dos Camaldulos, as congregações dos Barnabitas e Somascos, os Theatinos, os Jesuitas. Destes, atravez de seus prejuizos protes-

(1) Observae como Macaulay diz exactamente o contrario do que assevera o «Jornal do Commercio.»

tantes, faz o grande historiador o mais alto elogio dizendo):

«A historia dos Jesuitas é a historia mesmo da grande reacção catholica. Esta ordem possuia todos os meios de actuar no espirito publico — o pulpito, o confessionalio, a imprensa, as academias... A litteratura e a sciencia, d'antes associadas á heresia e á incredulidade, tornaram-se alliadas da ortodoxia. Dominante no meio dia da Europa, d'ahi partiu a Companhia a fazer conquistas. A despeito do Oceano e dos desertos, da peste e da fome, dos espiões e das pennas, dos calabouços e das torturas, das forcas e dos cadafalços, — os Jesuitas são encontrados, sob todos os disfarces, em todos os paizes, quaes professores, medicos, mercadores e trabalhadores... Foram fazer proselitos nas regiões onde nem a avareza, nem a curiosidade haviam levado os seus compatriotas; prégaram e disputaram em linguas, dasquaes nenhum habitante do Occidente havia ouvido uma só palavra. O espirito, que animava esta ordem, animava então todo o mundo catholico. Havia-se purificado a MESMA CORTE DE ROMA...»

(O historiador faz aqui uma triste pintura dos homens da Renascença, desse quasi paganismo que se apoderou dos espiritos mais cultos.)

«Mas quando foi o grande despertar dos espi-

ritos na Europa.... homens de uma bem diversa especie elevaram-se então á direcção dos negocios ecclesiasticos, homens cujo espirito similhava os dos Dunstan e Becket. Os Pontífices Romanos mostraram, em suas pessoas, TODA AUSTERIDADE dos primeiros anachoretas da Syria. Paulo IV levou ao throno pontificio a mesma firmeza de zelo, que o levava ao convento dos Theatinos; Pio V (São) sob suas vestes esplendidas, occultava o celicio de um simples monge; ia descalço na frente das procissões; mesmo no meio das mais laboriosas occupações achava tempo para a oração e edificou o seu rebanho com exemplos innumeraveis de humildade, de caridade e de perdão das injurias... Gregorio XIII esforçou-se não só por imitar, senão por exceder a Pio V nas severas virtudes de sua profissão. TAL ERA A CABEÇA, TAES ERAM OS MEMBROS. Esta mudança do espirito catholico pôde ser seguida em todos os ramos da litteratura e das artes».

. ,

«Assim enquanto a Reforma protestante se espalhava rapidamente em uma parte da Europa; a regeneração Catholica se estendia com igual rapidez na outra parte. Quasi meio seculo depois de Lutherô, em o Norte, governos e povos eram protestantes. No meio-dia pelo contrario povos e governos estavam animados do

zelo o mais ardente pela antiga Igreja. Entre estas duas regiões hostis estendia-se, geographica como moralmente, um grande terreno contestado. (O historiador passa em revista os povos desta zona central — França, Belgica, Allemanha meridional, Hungria e Polonia e por toda a parte vê o protestantismo preponderante n'aquella primeira epocha)».

«A historia das duas gerações, que se seguiram, é a da grande lucta do Protestantismo, possuidor do Norte da Europa e do Catholicismo, possuidor do meio-dia, que se disputavam o terreno mixto ou duvidoso. Empregaram-se todas as armas espirituaes e temporaes.

«Os dois partidos deram mostra de grandes talentos e altas virtudes; ambos tiveram que lamentar muitas loucuras e crimes. As probabilidades penderam a principio para o protestantismo; *mas a victoria ficou por fim á Igreja Romana*. Ficou de cima em todos os pontos. Se atravessamos outro meio seculo vemol-a ahi já triumphante eo Protestantismo não foi capaz no curso de dois seculos, de reconquistar o que perdera.

«Cumpre não dissimular, que este assombroso triumpho do Papado deve principalmente ser attribuido, não á força das armas, *mas a uma grande reacção da opinião publica*... sessenta annos apenas depois da separação Lutherana o Catholicismo mantinha-se com difficuldade nas

bordas do Mediterraneo ; cem annos depois desta separação com difficuldade se mantinha nas costas do Baltico o Protestantismo (1)!

(Macaulay examina este singular phenomeno, e conclue ;)

«Em uma palavra, por toda a parte, do lado do protestantismo vemos a apathia ; por toda parte, do lado catholico vemos *ardor e devoção*.

«Não só havia, n'esta epocha entre os catholicos, um zelo muito mais intenso, do que entre os protestantes, mas tambem esse zelo convergia contra os protestantes enquanto os protestantes se combatiam uns aos outros. No seio da Igreja Catholica não existia nenhum dissentimento grave nas doutrinas. As *decisões do Concilio de Trento eram adotadas* e a controversia do Jansenismo não havia nascido ainda. Roma dispunha de todas as suas forças ; a Reforma extenuava-se em luctas civis...

«Os catholicos tinham pois, sobre os protestantes a vantagem do zelo e da união, como tambem a da organização. O protestantismo não estava organizado, para a aggreção. As igrejas reformadas eram apenas igrejas nacionais, sem ligações entre si.

(Macaulay compara os effeitos desta organização. A reforma não enviava missionarios fora

1) Macaulay desmente aqui de um modo frisante as ignorancias do «Jornal do Commercio.»

das circumscripções nacionaes, Roma chamava o jesuita de Palermo e mandava-o evangelisar para além do Niemen).

«E' impossivel negar, que a politica da Egreja de Roma não seja a obra prima da sabedoria humana (1). Em verdade nenhuma outra instituição, a não ser a de tal politica, haveria resistido a taes assaltos. A experiencia de doze seculos cheios de acontecimentos, a intelligencia e perseverante cuidado de quarenta gerações de grandes politicos aperfeiçoaram-n'a por modo que o governo desta Egreja occupa o primeiro logar entre as invenções humanas. Tanto é mais forte a nossa convicção de que a razão e as Escripturas são a favor do Protestantismo, tanto maior é a admiração forçada que em nós excita um systema de tactica contra o qual se elevaram em vão a razão e as Escripturas. (2)»

(Maucaulay traça depois um rapido esboço da transformação da lucta religiosa em lucta politica e nacional operada primeiro pela preponderancia da casa d'Austria que homens de todas as religiões, combateram, depois pela preponderancia de Luiz XIV que suscitou as

(1) E' claro que o escriptor protestante não podia fallar de outro modo aliás seria absurdo não se converter ao Catholicismo.

(2) Esta ultima observação põe o cunho da verdade inconcussa nas confissões do celebre historiador de Inglaterra.

guerras pelo equilibrio europeu, terminadas pelo tractado de Westphalia),

«Esta veio constatar que a Igreja de Roma ficava em plena possessão do vasto dominio, que em meio do seculo precedente parecia em termos de perder; aos protestantes restavam apenas na Europa os paizes tornados todos protestantes durante a geração que ouvira as prêgações de Lutero.»

(Macaulay passa a descrever o movimento e peripecias do movimento religioso nos seculos XVIII e XIX e mostra como apesar de todas transformações a *Igreja immotavel ficou sempre de pé.*)

«Durante todo o XVIII seculo a influencia da Igreja Romana foi sempre declinando; a incredulidade fez conquistas importantes em todos os paizes catholicos e em alguns obteve mesmo um assendente completo; o Papado desceu tanto que chegou a ser objecto de irrisão para os incredulos e de compaixão mais do que de odio para os protestantes. No XIX seculo esta Igreja tem-se levantado gradualmente e reconquistou o seu antigo poder. Os que reflectirem com calma no que se tem passado nos ultimos annos na Hespanha, na Italia, na America Meridional, na Irlanda, nos Paizes Baixos, na Prussia, em França mesmo, não poderão duvidar de que o seu imperio sobre os corações e o espirito dos homens não seja maior

do que era no tempo em que apparecem a *Encyclopedia* e o *Diccionario Philosophico*. E' certamente notavel que nem a revolução moral do XVIII seculo nem a contra-revolução moral do XIX nada tenham ajuntado á potencia do protestantismo. N'essa primeira época quanto o catholicismo perdeu, foi perdido tambem pelo christianismo; na segunda quanto este reconquistou nos paizes catholicos foi reconquistado para o catholicismo (1)».

O historiador protestante Ranke concorda com Macaulay, por modo que parecem combinados neste ponto; fallando da reacção catholica promovida pelos Papas na Allemanha diz :

«A Igreja catholica toma na Allemanha uma vida nova... Abi são reconhecidos os decretos do Concilio de Trento.... O Catholicismo rejuvenesce no momento em que o julgavam morto...

... Por toda a Parte resistencias, e resistencias furiosas, guerras, revezes e vicissitudes.

... Depois nos ultimos vinte annos do XVI seculo apparece uma reacção immensa.

... O protestantismo vê-se repellido com a mesma energia com que fora acolhido...

Assim como n'outro tempo foram vistos protestantes italianos atravessar os Alpes para se refugiarem na Suissa e na Allemanha ; viram-se

(1) *Revue Britanique*. Serie V — tomo 1.º.

tambem então allemães refugiarem-se em grande numero ao norte e nascente desta região. Os protestantes belgas retiraram-se para a Hollanda.

Era uma immensa victoria catholica avançando de provincia em provincia... O povo queria de novo ser catholico (1).

Ranke constata em outros logares de sua historia que no momento em que se pensava que o martello da heresia redusira a pó a *moderna Babilonia* foi que o Concilio de Trento veio provar que o *edificio catholico estava ainda intacto*.

Basta por hoje e é necessario resumir materia tão vasta. Mas o que vae dito é sufficiente para destruir as asserções odientas e insipientes do «Jornal do Commercio.»

Sobre este ponto nós podemos acrescentar que a acção do Concilio de Trento, onde ella é livre, continúa a ser efficaz e portentosa. A instituição dos seminarios, em especial a dos destinados á propagação da Fé, essa instituição generalisada pelas suas determinações progrida na conquista do mundo. A Inglaterra, a Hollanda, os Estados Unidos, a Allemanha meridional, baluartes do protestantismo, estão invadidos. Genebra a Roma protestante está já meia catholica. E' a continuação da reformação de Trento.

(1) Historia do Pontificado. Tomo V do portestante Ranke.

Depois destes factos, depois destas auctoridades o que valem as diatribes do «Jornal do Commercio»?

Continuaremos no exame daquelle famoso artigo e verão os leitores o que elle vale.

II

«O Concilio (de Trento) perdeu a supremacia de ecumenico, porque a França e parte da Allemanha não o receberam, nem o reconheceram nunca na parte disciplinar e portanto os seus canones não são leis universaes da Egreja.»

Eis ahi outro formidavel golpe dado pelo «Jornal do Commercio» no Concilio Tridentino. Mas não se assustem as almas simples.

A sua fé arrosta aggressões muito mais temerosas e fica sempre de pé. Estas historias do «Jornal do Commercio», apresentadas com tanto entono, não passam de ninharias litterarias, com que se entretêm, os que tomam Alexandre Dumas por um grande historiador. A historia séria e grave diz outra coisa, muito differente.

Quereis ver, como falla verdade o «Jornal do Commercio?» Abramos um curso de historia

ecclesiastica muito seguido nos seminarios de França e que por tanto é guia seguro para sabermos o valor dado na Igreja de França ao Concilio de Trento.

«Os decretos do Concilio de Trento, relativos ao dogma, foram recebidos sem restricção por todos os Estados catholicos. Os disciplinares soffreram difficuldades na Allemanha e mais ainda em França. A promulgação d'estes, FOI FEITA *em concilios particulares*, que se reuniram por toda parte e foi tambem o meio empregado pelos bispos de França para supprir o silencio do governo. Assim os concilios de Reines (1564), de Cambrais (1565), de Rouen (1581), de Bordeaux e Tours (1583), de Aix 1585), reproduziram com mais ou menos desenvolvimento os artigos de reforma, promulgados em Trento: Estes concilios foram todos confirmados pela Santa Sé, a cuja sancção foram submittidas as suas decisões (1)».

Isto diz um escriptor francez, que escreveu para uso dos seminarios, com approvação do Cardeal Gousset. Mas ha mais: o Episcopado Francez reclamou do rei a publicação dos decretos do Concilio e isto por DOZE vezes — note o «Jornal do Commercio» *doze vezes*, sem a poder conseguir, porque, o governo imbuído de todas as exagerações do gallicanismo, via no

(1) BLANC — «Curso de historia ecclesiastica».

Concilio a destruição d'este. Mas o clero não ficou aqui, antes passou por cima da recusa do governo. Assim em o anno de 1615 a assemblêa geral do clero adoptou a seguinte deliberação:

«Os Cardeaes, Arcebispos, Bispos, Prelados, e outros ecclesiasticos abaixo assignados, representando o clero geral de França, reunidos no convento dos *Agostinhos* de Paris, depois de haver maduramente deliberado ácerca da publicação do Concilio de Trento, unanimemente reconheceram e declararam, que estão obrigados por dever e consciencia a receber, COMO EM VERDADE RECEBEM, o dito Concilio e promettem observar-o quanto o podem no exercicio de suas funções, e de sua auctoridade espiritual e pastoral. E para d'elle fazer mais amplo, solemne e particular recebimento opinam, que os concilios provinciaes de todas as provincias metropolitanas d'este reino devem ser convocados em cada provincia, o mais tardar dentro de seis semanas, e que os snrs. Arcebispos e Bispos ausentes sejam supplicados por carta d'esta assemblêa, junta á copia do presente acto, a fim de que, no caso de algum impedimento retardar a assemblêa dos ditos concilios provinciaes, o Concilio seja ao menos recebido nos synodos diocesanos immediatos; o que todos os ecclesiasticos e Prelados abaixo assignados promet-

teram e *juraram* promover e fazer realisar, quanto lhes fosse possível (1)».

Assim pois não só o Concilio foi recebido em França apesar do mesmo governo, mas até este facto prova claramente a estima, em que eram tidos os actos d'esta grande assemblêa em um tempo, em que á frente do clero estavam os sabios e piedosos Cardeaes da Perron e Laroche-fucauld, S. Francisco de Salles, de Berulle e começava a apparecer S. Vicente de Paulo, e em que foi preciso que o clero arrostasse a opposição de um governo poderoso e forte como o francez.

Vê-se, que os governos de alguns paizes se opposeram á publicação do Concilio; mas demos mesmo que essa prohibição tivesse effeito completo, o que se seguia d'aqui? Só o «Jornal do Commercio» póde deduzir de tal facto a perda do character de ecumenicidade no Concilio. Pois este character póde vir do reconhecimento d'este ou d'aquelle Estado? Pois o principio da actoridade da Igreja ha de estar subordinado á vontade dos principes?

Vejam como são *liberaes* certos liberaes! O cesarismo é idolo tão seu, que sem o perceberem acham-se em plenas theorias absolutistas e riscam da lista dos concilios geraes aquelle que

(1) «Cours de droit Canonique,» — de Mr. l'Abbé André.

tal, ou tal príncipe não quiz receber na collecção de suas leis!

Será liberdade, mas liberdade turca... ou do «Jornal do Commercio».

Ouçamos ainda um escriptor cuja boa fé, moderação e gravidade não podem ser contestadas:

«Quando se examina os decretos do Concilio sem prevenção reconhece-se que foram redigidos com toda clareza, precisão e sabedoria possíveis sobre discussões e exames os mais exactos feitos pelos theologos e canonistas. Os que são relativos ao dogma são fundados na Escrip-tura e na Tradição, nas opiniões dos Padres, nas decisões dos Concilios precedentes, na crença constante e universal da Igreja. As regras de disciplina, depois de terem excitado a principio reclamações, foram depois pela maior parte adoptadas pelos soberannos catholicos; um grande numero são *entre nós* observadas em virtude de ordenações reaes; a prevenção e apego aos antigos usos pouco e pouco foram cedendo á *Sabedoria que as ditou*».

«De tudo isto resulta que nenhum outro Concilio Geral foi recebido nem mais authentica nem mais solememente, quanto á doutrina, em toda a Igreja Catholica, do que o Concilio de Trento; os protestantes não lhe opposeram nenhuma objecção que não podesse ser voltada contra todos os outros concilios (1)».

(1) BERGIER — Dicc. verbo — «Trente» concile de

Assim falla Bergier e o seu juizo é o corollario natural e pratico dos esforços dos grandes homens, que compunham o Concilio.

Nada devia ser mais magestoso do que esta assemblêa de catholicos os mais provados em negocios, nas letras e EM SANTIDADE (1)».

Isto diz a historia séria e grave; o «Jornal do Commercio» diz outra coisa...

Mas os papas ficaram superiores ao Concilio; sanccionou-se esta doutrina mais uma vez» diz escandalizado o «Jornal do Commercio!» que ficará muito espantado se lhe pedirem o texto em que apoia a sua asserção.

De feito não o apresentará, porque é um absurdo, facil de encontrar em uma redacção do jornal, mas que está a legoas infinitas do Santo Concilio, que fez e faz ainda a admiração de todo o estudioso imparcial e em geral de toda Catholicidade.

Não; o Concilio não decidiu o que dizeis, porque nem o Papa é superior ao Concilio, nem este áquelle. Concilio Geral é a assemblêa dos Bispos presidida pelo Papa; não ha Concilio Geral sem Papa do mesmo modo que não ha corpo sem cabeça. Assim nem Papa nem Concilio se podem dizer superiores um ao outro sendo que ambos formam o Concilio Geral.

Tudo isso pois são ignorancias dos factos e

(1) CANTU — «Historia» Livro XV cap. XIX.

das coizas, sempre para admirar em quem ousa atacar em face a Igreja catholica.

Vem daquella *tão segura* observação estoutra; vem a ser, que os *concilios acabaram*; isto porque ha 300 annos que não os tem havido, razão que prova nunca os houve, porque a Igreja governou-se a principio sem Concilios e por espaço de 325 annos e já esteve pelo anno 1000 quasi 300 annos sem Concilio Geral.

E tanto não ha que Pio IX *não se atreveu* a convocar um Concilio para definir o dogma da Immaculada Conceição, como se, para um só ponto especial, o carecesse tendo previamente colhido o parecer e tradição de TODAS as Igrejas do orbe catholico e como se não foram sabidas as difficuldades, que ha para a convocação de um Concilio, sendo que até o governo francez se mostrou sobresaltado com a idéa de um Concilio, quando o Papa procedeu á proclamação daquelle dogma.

Estamos mesmo pensando que se o Papa convocar um Concilio Geral, o «Jornal do Commercio» sahirá logo a gritar, porque os Bispos portuguezes lá não appareçam. Não é bem sabida a gritaria levantada pela imprensa *liberasta* pela ida a Roma do Arcebispo de Goa!

Inconsequentes sempre!

Vamos agora á opinião dos theologos auctorisados que dão o concilio por *tolheito e monstruoso*.

O grande documento é uma carta de um dos tres commissarios d'El-Rei D. João III ao Concilio que assim o qualifica.

Não entraremos na analyse da carta, nem da auctoridade do escriptor; não é preciso; mas para se ver o seu nenhum valor é apontar-lhe para a data. A carta é datada de 12 de janeiro de 1548 e o concilio que pouco mais de um anno funcionara, estava suspenso desde março de 1547, e transferido para Bolonha contra vontade do Imperador Carlos V e portanto muito naturalmente dos commissarios d'El-Rei D. João que favorecia o Imperador. A carta pois nada tem de extranho; explicam-n'as estas circumstancias e as apprehensões que deviam ser geraes de não ficar elle *tolheito* e por tanto *monstruoso*.

Mas os prophetas foram de má morte; o Concilio foi de novo convocado, suspendido segunda vez, convocado terceira e concluido em 1563, 15 annos depois de escripta a carta do chamado Oleastro e depois mereceu que se dissesse que S. Carlos Borromeu, um dos grandes reformadores da disciplina e costumes, fora como a incarnação do Concilio (1).

Assim pois o Concilio, que com effeito esteve *tolheito* e ameaçara ficar *monstruoso* em 1548, depois tomou nova vida em 1550 e foi-se de-

(1) Rohrbacher — Historia — tomo 24.

se envolvendo até ser aquelle admiravel Concilio, que mereceu e merece a veneração de toda a christandade. Fr. Oleastro julgava-o *no extremo* e a indignação fez-lhe senão versos uma carta acerba; mas depois quer-nos parecer que ficou contente. E' certo que Portugal se apressou a aceitar o Concilio.

Mas a carta revela um attentado de um bispo, commissario do Papa, que tentou envenenar o fiscal do Imperador.

Concedamos tudo, ainda que instaurado o processo talvez a narrativa de Oleastro pudesse soffrer algumas duvidas. Sim, Senhor! Houve um bispo que commetteu um attentado, e o que se segue d'aqui?

Havia curiaes que não queriam o Concilio, Roma carecia tambem de reforma.

De accordo ainda; bem que nos devamos admirar da estulticia do malvado. Para que tanto furor? Não diz o «Jornal do Commercio,» que em Trento sô se fez o que o Papa quiz? Não carecia pois de tal attentado.

Resumindo Oleastro fallava de um Concilio apenas incetado e suspenso, não fallava do Concilio depois proseguido e completado, a menos que aquelle fosse propheta, qualidade sobrenatural, de que são bem capazes de o investir os que não crêem no sobrenatural.

Expliquemo-nos ainda mais precisamente.

O Papa é em matéria de dogma e de moral infallível; Jesus Christo orou para que *nunca* lhe *fallecesse a fé* e a oração do Salvador não podia ser inefficaz.

O que Christo porém não prometteu foi a impeccabilidade; o Papa confessa-se como todo fiel. E' infallível em doutrina, é peccavel nos factos. Algumas vezes Deus tem permittido que máos Vigarios tenham presidido á Egreja, como para mostrar que é obra tão divina, que nem o desvairamento dos homens a pode arruinar.

Assim o Concilio de Trento, producto das necessidades da reforma reclamada por todas as consciencias rectas prova, elle mesmo, essa verdade; por que suppõe uma degradação no clero e povo fiel.

Esse estado explicam-n'o muito bem notaveis factos — o grande scisma que no seculo precedente lacêrara a Christandade — a invasão do paganismo com a *Renascença* das obras primas da antiguidade pagã, que escureceu em muitas intelligencias superiores o sentimento christão — e em especial em Roma as desordens provenientes do poder de certas familias, que queriam dominar e assoberbavam a Santa Sé — Os Colounas, Orsinis, Riarios, Savelli, Crescenzi, Conti e muitos outros, que encheram a cidade de sangue e de ruinas.

Em tal estado de anarchia foi facil a um Alexandre VI subir ao Solio pontificio, permittin-

do-o a Providencia para castigo daquelles orgulhosos e sem perigo da Fé.

Foi depois que a Santa Sé se viu mais desembaraçada, que ella mesma começou a reforma sem esperar por Luther. Iniciou-a no Concilio de Latrão (1512) e seguiria avante, impulsada pelos grandes santos e grandes homens que illustravam a Egreja no seculo XVI. Sómente, como era natural, Luther tornou-a mais urgente.

O que dizemos da famosa carta, diremos tambem do discurso e opiniões do Bispo do Porto, fr. Balthazar Limpo. Fallava em 1547 quanto ainda verdadeiramente não havia Concilio de Trento, pois apenas principiado fora logo suspenso.

Assim pois arranjae outros documentos; esses não prestam senão para enganar os leitores ignorantes ou menos instruidos, deploravel empenho de um jornal, que devia trabalhar, não em perverter as intelligencias mas em lhes desvanecer as trévas, em as elevar e esclarecer.

Parece que não é esta a missão de um jornal *liberal*.

O direito de petição consignado na carta imposta ao paiz pelo Principe, que dissera a seu augusto Pae e Rei que de *Portugal não queria nada*, para mais tarde querer tudo, até a corôa

portugueza para sua Filha, oficialmente declarada herdeira presumptiva da corôa de uma nação estrangeira, o direito de petição, dizemos, consignado na carta, era já velhíssimo no paiz quando o novo regimen veio substituir a antiga constituição nacional.

Em quanto nesta terra, habituada desde o berço á liberdade, os Reis reinaram, e governaram, o direito de petição encontrou sempre a melhor sombra na habitação real. Pedia o nobre, pedia o plebeu; pedia o rico, pedia o pobre; pediam as côrtes, pediam as camaras, pedia o juiz do povo em nome do povo, pediam todos, e á propria pessoa do Rei, o qual jámais se negava a acceitar as supplicas de seus subditos, ou elles pedissem individual, ou collectivamente. Ninguém durante os sete seculos da monarchia legitima, e ainda na época da intrusão dos Reis castelhanos, contrastou o direito de petição, de que sempre gozaram os portuguezes desde os primeiros dias da independencia do paiz. Foi, todavia preciso que a este reino chegasse a planta exotica, que um imperador, estrangeiro, por livre escolha, lhe enviou pela mão do estrangeiro, para que sahisse do campo onde a tal planta tem cultores uma voz, que negasse aos portuguezes um direito, que aliás a carta lhes não nega.

O individuo póde, na opinião explicita de um dos jornaes da capital pedir, requerer repre-

sentar ao governo; ás corporações, ás municipalidades, delegadas, e representantes dos individuos do municipio, é-lhes defesa a supplica, embora possam, aos olhos da lei, pedir, requerer, representar!

Temos visto o modo como varias associações, pela voz da respectiva direcção, teem representado, nestes tempos de *liberdade* ao governo; temos visto diversas camaras municipaes fazer o mesmo, mas ainda ninguem viu, que as taes representações tenham sido stygmatisadas pelo poder em virtude de não serem individuaes. Mas, *credite posteri!* é uma das folhas, que ahí mais blasonam de *liberaes*, que abraça o escudo, e desce á liça a combater o direito de petição, quando exercido collectivamente!

«Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barbarini.» O que não nega a carta aos portuguezes, repelle-o um dos seus mais ardidos campeões, a despeito do titulo com que se empluma, soccorrendo-se a um ou outro acto irritado e nullo por opposto á lei *fundamental*, cujos artigos não podem ser alterados, ou revogados por meras portarias, ou decretos.

Não podemos deixar de pugnar pelo direito, que assiste aos corpos collectivos, como ao individuo, de pedir, ou representar ao governo; direito immemorial e acceito sempre por todos os soberanos do reino, e reconhecido pela carta constitucional imposta ao paiz pelos prote-

ctores estranhos da causa dos revolucionarios filhos desta pobre terra de portuguezes, porque propugnando aquelle direito defendemos um dos recursos para que podem appellar os opprimidos contra a tyrannia da auctoridade, que os vexa, um meio de se poder obviar um grande vexame publico, ou de dotar o paiz, ou parte delle, com alguma providencia de maior, ou menor momento, e não menos proficuidade.

Se as municipalidades do reino, na sua totalidade, viessem representar a favor de qualquer medida, ainda infesta á coisa publica, mas de iniciativa ministerial oh! então os corpos collectivos teriam o direito incontrastavel de representar, poderiam, em face do lei, pedir!

Para os encomiastas do governo toda a liberdade, todos os direitos, todas as isenções; para os que usam de direito de petição contra o poder, o stygma, a vaia, a mordaca!

E' assim a vossa igualdade perante a lei. E' assim o vosso amor á liberdade do pensamento. E' assim o vosso zelo pela carta. Arrojae de todo a mascara. Para que a conservaes ainda, se todos conheessem a hypocrisia desses arrotos de liberalismo?

Ostentae-vos taes quaes sois, e sereis de certo menos odiosos.
